

2 Das mídias sociais aos encontros presenciais: a opção pela comunicação face a face

Ana Maria Dantas de Maio

INTRODUÇÃO

As redes sociais em ambientes de mediação eletrônica representam, na contemporaneidade, uma facilidade ímpar para a comunicação humana e para a comunicação organizacional. Neste capítulo, vamos avaliar as redes sociais sob a perspectiva da comparação entre o ambiente mediado por computador e os encontros face a face. O objetivo é conhecer os resultados de ações conjugadas entre as duas modalidades de interação, no intuito de contribuir para estudo e planejamento da comunicação organizacional.

Para tanto, concebemos redes sociais como um agrupamento de indivíduos ligados por um interesse ou objetivo comum, dentro ou fora do meio digital, e designamos mídias sociais com as ferramentas e/ou veículos utilizados para o contato mediado desses grupos. Assim, mídias sociais famosas como Facebook, Twitter, Orkut, LinkedIn, entre outras, têm potencial para formar redes sociais, desde que grupos ou comunidades com interesses comuns se estabeleçam dentro desses sites.

Para ilustrar nosso estudo, selecionamos intencionalmente duas organizações que estruturaram suas redes sociais no ambiente mediado por computador, mas também investem em contatos presenciais entre os participantes. Estes são estimulados a deixar temporariamente a proximidade com as máquinas para compartilhar o mesmo espaço físico simultaneamente com outros interlocutores, experimentando a convivência olho no olho. O estudo de caso contempla um site de relacionamentos e uma escola de inglês online.

Concluimos que as interações em redes sociais com mediação eletrônica são compatíveis com os contatos face a face, que potencialmente incrementam as ações iniciadas no ambiente digital. Os depoimentos de sujeitos envolvidos e o histórico de expansão das duas organizações estudadas indicam que a fórmula de estabelecer redes sociais presenciais acopladas à estrutura digital tem funcionado como fator de otimização não só da comunicação, mas do negócio propriamente dito.

EQUILÍBRIO ENTRE TECNOFOBIA E TECNOFILIA

A vigilância epistemológica na produção deste capítulo justifica nossa preocupação com o distanciamento equilibrado em relação às abordagens tecnofóbicas ou tecnofílicas encontradas durante a pesquisa bibliográfica. A primeira pressupõe determinada aversão às tecnologias modernas e condena a dependência tecnológica, imprimindo a ela um caráter de superpoder em relação à autenticidade humana. Já a perspectiva tecnofílica designa um comportamento acrítico de adesão às inovações tecnológicas. Segundo Neves (2006, p. 119), “aponta para uma sociedade ideal em que as máquinas permitem uma vida feliz”.

A busca por uma abordagem menos enviesada entre as duas tendências tem se mostrado ausente de parte da pesquisa contemporânea em comunicação. Ancorados no pretexto de uma abordagem crítica, estudiosos preocupados com o determinismo tecnológico contestam a euforia que perpassa os estudos relacionados ao avanço das novas tecnologias, incluindo a internet e as mídias sociais. Recorrem, com frequência, a estágios anteriores da história midiática, quando outras técnicas surgiram e criaram celeuma semelhante à qual vivenciamos na atualidade. É o que descrevem Briggs e Burke (2004, p. 29):

